

J. Taylor – A. Estaún – F. Drouilly



# Herdeiros da *Promessa*

*HISTÓRIA E SENTIDO DO  
COMPROMISSO DE 23 DE JULHO  
DE 1816 EM FOURVIÈRE*



GRUPO  
MARISTA



# Herdeiros *da Promessa*

*HISTÓRIA E SENTIDO DO  
COMPROMISSO DE 23 DE JULHO  
DE 1816 EM FOURVIÈRE*



2015 | 2016

**Fourvière**



J. Taylor – A. Estaún – F. Drouilly



# Herdeiros *da Promessa*

*HISTÓRIA E SENTIDO DO  
COMPROMISSO DE 23 DE JULHO  
DE 1816 EM FOURVIÈRE*

## **Título original**

*Subiendo a Fourvière: comemorando el Bicentenario de la Promesa Marista (1816-2016)*

© 2015 Sociedad de María, Padres y Hermanos

## **Edição brasileira**

© Grupo Marista

Setor de Vida Consagrada e Laicato (SVCL)

## **Diretor do SVCL**

Ir. Benê de Oliveira

## **Equipe do SVCL**

Ir. Cezar Cavanus

Ir. Tercílio Sevegnani

Rosana da Silva Alves

Décio Berti

Volnei Sevenhani

Ernesto Sienna

Dyógenes Philippsen Araújo

Francieli Nierotka

## **Coordenação editorial**

João Luis Fedel Gonçalves

## **Tradução**

Ir. Aloísio Kuhn

## **Assessoria de comunicação**

Irene Simões

Juliana Maria Fontoura

Bruno Socher

## **Projeto gráfico, diagramação e revisão**

Capitular Design Editorial

# Sumário

Apresentação	7
A promessa de Fourvière	11
FOURVIÈRE, 23 DE JULHO DE 1816	13
1. O caminho até Fourvière	15
2. O Ato de Compromisso	28
3. Fourvière e além	32
FOURVIÈRE NO CAMINHO DO BICENTENÁRIO	35
1. Para vincular-se com a fé originária	37
2. Eles declaram suas intenções e seus propósitos	37
3. A consagração pessoal de Marcelino	39
4. Hoje também peregrinamos a Fourvière	41
5. O laicato Marista em Fourvière	44
6. Fazer da vida uma consagração	46
7. Descobrir o rosto mariano da Igreja	46
8. Um futuro com novidade profética	48
9. Maria na Igreja nascente	49
10. Abertos à universalidade	50
11. Com Maria à frente, buscamos Jesus Cristo	51
12. Turista e peregrino	53
13. Fourvière na história	54
14. Fourvière hoje	57

REFLEXÕES EM TORNO DA PROMESSA 59

Primeira sensação 62

“Comprometemo-nos solenemente” 63

“Como será isso?” 64

Nós, nos, nosso 65

“E a Virgem se chamava Maria” 67

E agora? 69

# Apresentação

No caminho em preparação ao bicentenário do Instituto Marista, em 2017, somos convidados a recordar outra data igualmente importante para o Instituto, que de alguma forma o antecedeu e o tornou possível. Em 23 de julho de 1816, doze jovens saídos da formação filosófico-teológica no Seminário Santo Irineu, vários recém-ordenados sacerdotes, reuniram-se no Santuário de Fourvière, em Lyon, para se consagrar à Sociedade da Bem-Aventurada Virgem Maria, que se comprometeram a fundar.

Entre eles estavam Jean-Claude Colin e Marcelino Champagnat, que levariam mais longe esse sonho juvenil e fundariam a Sociedade de Maria, dos Padres Maristas, e o Instituto Marista, dos Irmãos Maristas. Também dessa fonte brotaram os ramos femininos: a Congregação de Maria, das Irmãs Maristas, fundada por Jeanne-Marie Chavoïn, e as Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria, nascidas da dedicação de onze jovens missionárias leigas na Oceania. É, portanto, uma data para ser celebrada em conjunto como Família Marista.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Para uma apresentação mais detalhada de cada um dos ramos, ver A. Muñoz; A. Ikauno, B. Brady; J. C. do Prado, *Família Marista: presença e missão no mundo*. Curitiba: Champagnat, 2013.



A recordação desse evento e a reflexão sobre o seu significado se configuram, desse modo, como que um olhar para os elementos fundantes, o nosso DNA Marista ou, para os que preferem a física, para o momento da explosão inicial desse projeto do Espírito com o jeito de Maria.

Há também um presente e um futuro que acompanha a Promessa de Fourvière, a qual continua gerando novas iniciativas e atraindo pessoas de todas as partes. A vasta missão, realizada por meio de diferentes serviços à Igreja e à sociedade, é levada adiante com a participação sempre crescente de Leigos e Leigas, muitos deles com um vínculo mais profundo com o carisma dos fundadores e das fundadoras.

Esta obra reúne três artigos, escritos por dois Padres Maristas e por um Irmão Marista, que procuram aprofundar os elementos históricos e espirituais que se depreendem da Promessa de Fourvière. Padre Justin Taylor, historiador e biblista, atualmente responsável por uma nova biografia de Jean-Claude Colin, estabelece a data do evento como ponto inicial para, a partir dela, refazer os passos anteriores focando principalmente o papel de Jean-Claude Courveille, tentar reconstruir a cena e seus personagens, analisar o texto da promessa

e indicar seu resultado concreto no desenvolvimento das instituições religiosas fundadas por alguns dos signatários do Ato de Compromisso.

Irmão Antonio Estaún, pedagogo e historiador, atualmente em Curitiba, de onde dirige o Curso Carisma e Princípios Maristas, também volta a esse momento histórico, incluindo outro fato significativo: a promessa pessoal do Padre Champagnat, no dia seguinte. Depois, nos três pontos seguintes, avança até hoje, a fim de redescobrir ali novas e fecundas intuições, como o Laicato Marista e o novo jeito de ser Igreja. Ao final, leva-nos de volta ao “Foro Vetus”, ao monte de tantas memórias, para nos fazer novamente peregrinos da aventura de Champagnat e seus companheiros.

Padre François Drouilly é educador e autor de textos sobre espiritualidade. Sua reflexão a respeito da Promessa faz outro percurso, o dos sentimentos e das convicções que envolviam o grupo dos doze: abertura no desconhecido, confiança, senso de comunhão e corresponsabilidade, e um lugar especial para Maria. Perguntando o que essa celebração pode representar para nós, no século XXI, o autor sugere: “Não se trata de chegar, mas de partir”.

Adverte-se que, por vezes, as informações parecerão repetidas. Os autores trabalharam independentemente sobre o mesmo assunto, o que torna inevitável tais sobreposições. Mas talvez se possa sugerir a imagem do caleidoscópio: os elementos estão ali, em número limitado e repetidos; é o movimento do leitor e da leitora, seu olhar também multifacetado pelas experiências vividas nas espiritualidades dos primeiros Maristas, que vão provocar as imagens ricas que a Promessa de Fourvière tem sugerido ao longo desses dois séculos e nos que estão para vir.

# A PROMESSA DE FOURVIÈRE

**E**m nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Tudo para a maior glória de Deus, e para a honra de Maria, Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo!

Nós, abaixo assinados, querendo trabalhar para a maior glória de Deus e de Maria, Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo, afirmamos que temos a sincera intenção e a firme vontade de nos consagrar, logo que surgir oportunidade, à instituição da piedosíssima congregação dos Maristas. Eis porque, pelo presente ato, que leva nossa assinatura, dedicamo-nos irrevogavelmente, nós e tudo o que temos, tanto quanto possível, à Sociedade da Bem-Aventurada Virgem Maria.

E este compromisso nós o assumimos, não levianamente como crianças, nem por razões humanas ou por algum interesse temporal, mas com toda a sinceridade, após termos refletido seriamente, tomado conselho, e pensado tudo diante de Deus, unicamente para a glória de Deus e para a honra de Maria, Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo.

Para atingirmos este objetivo, dispomo-nos a assumir quaisquer contrariedades, trabalhos, sofrimentos e,

*se preciso, todos os tormentos; tudo podendo naquele que nos dá forças, nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, por isso mesmo, prometemos fidelidade, no seio de nossa Mãe, a santa Igreja Católica e Romana; unindo-nos, com todas as nossas energias, ao chefe santíssimo desta mesma Igreja, o romano pontífice, e também ao nosso reverendíssimo bispo, para, deste modo, sermos bons ministros de Jesus Cristo, nutridos pelas palavras da fé e da sã doutrina que recebemos por sua graça; confiamos que, sob o governo pacífico e religioso de nosso rei cristianíssimo, esta maravilhosa instituição será fundada.*

*Prometemos solenemente nos doar, nós e tudo que temos, para salvarmos as almas por todos os meios, sob o nome augustíssimo de Virgem Maria e sob seus auspícios. Respeitamos, entretanto, em tudo, o parecer dos superiores.*

*“Louvada seja a santa e imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria!*

*Assim seja!”<sup>1</sup>*

**Fourvière, 23 de julho de 1816.**

---

<sup>1</sup> Conforme citação de J. B. Furet, *Vida de São Marcelino Bento Champagnat*, São Paulo: Loyola/SIMAR, 1999, p. 32.



# Fourvière, 23 de julho de 1816

Justin Taylor, SM\*

- \* Justin Taylor, nascido em Wellington, Nova Zelândia, em 1943, entrou para a Sociedade de Maria (Padres Maristas) em 1963 e foi ordenado sacerdote em 1966. Estudou História na Universidade de Cambridge, Inglaterra, e na École Biblique et Archéologique Française, em Jerusalém. Lecionou na Nova Zelândia e em Israel. É autor de vários livros e numerosos artigos.

Lyon, França, 23 de julho de 1816. De manhã bem cedo, doze jovens subiam os 800 degraus que levam ao antigo santuário mariano de Fourvière, no topo da colina que domina a cidade. Cinco deles tinham sido ordenados sacerdotes no dia anterior. Os demais não haviam terminado seus estudos para o sacerdócio. Durante os meses anteriores, tinham formado um grupo e assumido um compromisso. Agora, estavam prestes a se separar. Porém, antes de fazê-lo, queriam selar sua promessa, diante da venerada imagem de Nossa Senhora de Fourvière.

## 1. O caminho até Fourvière

Sua história começa no Seminário Maior, da Arquidiocese de Lyon, que leva o nome de um de seus primeiros bispos, Santo Irineu. Em uma quarta-feira, durante o ano escolar de 1814-1815, um seminarista chamado Étienne Déclas estava cortando o cabelo de um companheiro estudante chamado Jean-Claude Courveille, na casa de férias do seminário, nos arredores da cidade, onde todos costumavam ir durante os dias de descanso. No refeitório, estavam lendo a vida de São Francisco Régis (1597-1640), o grande missionário Jesuíta que reevangelizara as regiões do centro-sul da França. Courveille, oriundo daquela região, confidenciou



a Déclas que, uma vez ordenado sacerdote, imitaria São Francisco Régis e iria ajudar os pobres do campo, que precisavam mais de sacerdotes do que as grandes cidades. “Iremos a pé, com simplicidade, comeremos a mesma comida que os camponeses. Viveremos do pão e do sal da gente do campo. Nós os educaremos e escutaremos suas confissões”. Perguntou então a Déclas se queria fazer o mesmo, e Déclas respondeu: “Sim”.

Não disse mais nada, mas de vez em quando, durante o resto do ano, no seminário, Courveille costumava dizer a Déclas: “Vamos fazer como São Francisco Régis?”. E ficava nisso. Então, pouco antes de todos partirem para as férias de verão, Courveille aproximou-se e disse: “Sabe, isso que temos conversado durante o ano. Haverá uma congregação que fará mais ou menos o mesmo que os Jesuítas, só que seus membros se denominarão Maristas, em vez de Jesuítas”. Os dois seminaristas prometeram trocar correspondência durante as férias, e cumpriram a palavra.

Esse foi um período fértil para a Igreja na França. Courveille, Déclas e seus companheiros haviam nascido pouco antes ou durante a Revolução Francesa, iniciada em 1789. No período em que eram seminaristas, Napoleão governava a França e grande parte da Europa. No entanto, desde 1813, seu império começara a desmoronar. Foi por fim derrotado na batalha de Waterloo,

em 18 de junho de 1815. A França teve outra vez um rei legítimo, Luís XVIII, irmão de Luís XVI, que havia sido executado (muitos diriam “martirizado”). Apesar disso, ou em razão das dificuldades e perseguições, a Igreja na Europa experimentava novo vigor e criatividade. Isso se expressava na fundação de congregações religiosas e num renovado espírito missionário que se dedicava em parte a recuperar aqueles que se tornaram hostis ou indiferentes ao cristianismo.

Um momento central foi o restabelecimento da Companhia de Jesus pelo Papa Pio VII em 7 de agosto de 1814. Outras sociedades também reviveram, especialmente os Sulpicianos e os Vicentinos. Houve igualmente novas fundações na França, muitas das quais já haviam começado extraordinariamente: Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria (Coudrin, 1800); Sociedade das Missões da França (Rauzan, 1815); Oblatos de Maria Imaculada (Mazenod, 1816); Filhas de Maria (Chaminade, 1816). Logo em seguida ocorreu a reativação das ordens mais antigas: Beneditinos (Guéranger, em Solesmes, 1836) e Dominicanos (Lacordaire, 1840).

Um campo óbvio de recrutamento para as congregações restabelecidas ou novas era um seminário como o Santo Irineu, em Lyon. Durante o ano escolar de 1814-1815, o vigário-geral da diocese, Claude-Marie

Bochard, distribuiu entre os seminaristas um manifesto com o título *Pieuse Pensée* (Piedoso Pensamento) procurando candidatos entre os seminaristas para seu projeto de uma Sociedade da Cruz de Jesus. Bochard conhecia as pessoas e sabia como apelar à sua generosidade e aspirações juvenis. Também sabia excluir habilmente possíveis competidores. Esboçava o estado lamentável da religião na França. Certamente Deus queria suscitar homens que respondessem às necessidades dos tempos, como tinha feito em todas as épocas, desde os Apóstolos, com homens como Santo Inácio, quando Lutero apareceu em cena, ou São Vicente de Paulo, após as Guerras Religiosas na França. Isso, porém, era passado. O que aconteceria a partir de então? Afinal, não haveria salvação para a raça humana em “nossos tempos com tanta corrupção, tanta perversidade, tanta perdição?”. Bochard se dirigia a cada seminarista individualmente (“Oh, meu irmão”). Se o Senhor o escolhesse naquele momento para dedicar-se a Ele, como responderia? Se o anjo de Deus batesse à sua porta, deveria seguir o exemplo de Maria, “Rainha dos Santos” e responder com humildade e obediência. Ele assim poderia unir suas forças às de “tantos Irmãos fervorosos os quais o zelo pela casa de Deus já consumia em favor dessa grande obra”. Bochard mostrava a “colheita” oferecida: pregações, retiros, missões, direção espiritual, seminários, colégios, escolas – o suficiente para comprometer

o zelo de todos os corações, de todo tipo de espíritos e talentos. Ele considerava a possibilidade de uma “associação” de sacerdotes zelosos para realizar todos esses trabalhos e a confrontava com as ordens religiosas que eram, segundo ele, inadequadas para as necessidades daqueles tempos.

O manifesto de Bochart dá uma ideia do clima espiritual que prevalecia no Seminário Maior de Lyon quando Courveille começou a falar com Déclas sobre seus planos para uma Sociedade de Maria, como contrapartida à Companhia de Jesus. Após as férias, no início do ano escolar 1815-1816, ambos começaram a recrutar candidatos entre seus companheiros seminaristas. Courveille falou com Marcelino Champagnat. Déclas falou com Étienne Terrailon e Jean-Claude Colin. Terrailon recordou quando Déclas disse, citando Courveille: “Em toda parte onde Jesus tem altares, Maria também terá seu pequeno altar, ao lado. Jesus tem sua Sociedade; convém, pois, que Maria também tenha a sua...”. Eles se sentiram “fortemente impressionados” por essas palavras e “ficaram estupefatos”. Ao final, uns quinze ou dezesseis seminaristas estavam pelo menos interessados no projeto.

Jean-Claude Colin já tinha a própria “ideia” de Sociedade, que até então ele guardara para si. Deve ter reconhecido suficiente similaridade entre esta e a Sociedade de Maria para a qual recrutava Jean-Claude Courveille.

De qualquer modo, decidiu que a melhor maneira de realizar o próprio projeto seria a de unir forças com Courveille. Como diria mais tarde com notável perspicácia, acerca de sua pessoa: “Eu nunca teria tido a coragem de divulgar essa ideia por aí. E, mais tarde, quando a coisa ficou conhecida, fui capaz de me envolver com ela, sem parecer ser o seu criador”. Ao mesmo tempo, sua adesão à Sociedade de Maria não representou para ele o abandono de seu projeto, mas a união deste com o de Courveille.

O grupo encontrou um confidente em Jean Cholleton, professor de teologia moral no seminário. Costumavam reunir-se em seu quarto, o de número 34, no terceiro andar. Na casa de campo, reuniam-se no quarto de Cholleton ou, quando o tempo o permitia, no jardim, sob as árvores. A tradição local ainda associa os bosques e especialmente uma amoreira, capaz de abrigar cerca de cem pessoas, não somente com o início do Projeto Marista, mas com muitas outras reflexões e ardentes discussões dos seminaristas.

Mais tarde, Courveille lembraria que falavam, sempre que possível, sobre a Sociedade de Maria. Terraillon também recordaria as reuniões dos que se entusiasmaram por primeiro com o projeto. Eles “se inflamavam mutuamente” com a alegria de se entregar ao “sucesso de uma obra tão bonita”. Dois temas tornavam com

frequência em suas conversas: a sorte de serem os “primeiros filhos de Maria” e a “grande necessidade das pessoas”. Também discutiam sobre o modo pelo qual, como filhos de Maria, se propunham satisfazer essa necessidade. De vez em quando Courveille falava para eles sobre a “necessidade de imitar Maria, sobretudo sua indescritível humildade”. Resolveram desde o princípio não divulgar seu projeto, mas se dedicarem seriamente a obter os meios para realizá-lo. Cada um examinaria as pessoas que pareciam adequadas para serem membros. Entretanto, antes de falar com os possíveis candidatos, o conjunto do grupo ponderava sobre eles.

Jean-Claude Colin não foi o único recruta que entrou na Sociedade de Maria com o próprio projeto. Outro foi Marcelino Champagnat. Aparentemente, este já havia pensado em organizar um grupo de Irmãos para catequizar e educar as crianças das áreas rurais, tal como acontecera com ele, e por isso estava muito consciente de suas necessidades educacionais e religiosas.

Como Colin, ele nada havia feito até então em torno de seu projeto. Contrariamente a Colin, ele falava abertamente, no grupo, sobre seu projeto e insistia que os Irmãos educadores deveriam integrar a Sociedade de Maria. A resposta de Champagnat ao convite para se unir à Sociedade foi: “Sempre me senti atraído para a fundação dos Irmãos. Com prazer me uno a vocês e,

se concordarem, eu me responsabilizarei por essa parte”. Segundo Irmão João Batista Furet, primeiro biógrafo de Champagnat, entre os Pequenos Irmãos de Maria, ele (Champagnat) dizia com frequência ao grupo de Santo Irineu: “Precisamos de Irmãos, precisamos de Irmãos, para ensinar o catecismo, ajudar os missionários e atuar nas escolas”. E o grupo respondia: “Pois não, encarregue-se dos Irmãos, visto que você teve essa ideia”.

A introdução do ramo dos Irmãos representava importante novidade. Até então, o modelo histórico para a Sociedade de Maria havia sido a Companhia de Jesus. Entretanto, o modelo para uma sociedade de Irmãos educadores não eram, evidentemente, os Jesuítas, mas os Irmãos das Escolas Cristãs, fundados na França por São João Batista de La Salle (1651-1719).

Há outros indícios de que o modelo jesuíta não era o único para os Maristas. Na década de 1830, a Sociedade de Maria se apresentava a si mesma, nos documentos oficiais, composta de vários ramos – religiosos, religiosas e ordens terceiras – reunidos sob um mesmo superior geral. Essa composição complexa não era, entretanto, o simples resultado de uma evolução histórica realizada pouco a pouco.

Ao contrário, dizia-se que era uma característica do projeto original desde sua criação, reportando-se, portanto, às discussões dos seminaristas, no Seminário Santo Irineu. Esse esquema em três partes recorda

as grandes ordens medievais, como os franciscanos e os dominicanos, que reuniam frades comprometidos em atividades apostólicas, Irmãs contemplativas e Leigos comprometidos.

Tudo isso constituía um plano para um Instituto cuja forma global estava calcada sobre as “grandes ordens”, mas com o ramo de sacerdotes calcado sobre os Jesuítas, enquanto o ramo dos Irmãos educadores deveria tomar como modelo os Irmãos das Escolas Cristãs de La Salle. Qual seria o modelo específico para um eventual ramo de Irmãs, ou para uma confraria leiga ou uma ordem terceira? Tal complexidade seria inaceitável para Roma.

Falar de “ramos” não implica necessariamente ter em mente a imagem de uma árvore. Mas, para Colin, essa imagem era viva e eficaz. Em 1838, ele disse durante uma refeição: “A Sociedade se apresentou a alguém (e essas palavras ele disse com ênfase, reverência e mistério) como um tronco com três ramos”. Colin retomava frequentemente a imagem da árvore com três ramos. De fato, essas palavras misteriosas, frequentemente expressas com embaraço, eram próprias da forma como se referia às origens da Sociedade. Seria acaso Colin aquele a quem a Sociedade se apresentara sob essa imagem e a quem essas palavras proféticas foram dirigidas? Não há certeza disso. De qualquer modo, as origens da Sociedade de Maria foram acompanhadas por muitas “revelações e profecias”.



Qual era a fonte de inspiração própria de Courveille? Em 18 de julho de 1851, Courveille, que desde 1836 era monge beneditino em Solesmes, escreveu o seguinte ao Padre Marista Gabriel-Claude Mayet:

A primeira inspiração da Sociedade de Maria ou dos Maristas ocorreu na catedral de Puy, ao pé do altar principal onde está a imagem milagrosa da divina Maria, no dia 15 de agosto de 1812, e isso aconteceu várias vezes até 1814.

As perguntas suplementares de Mayet suscitaram um relato mais completo em fevereiro de 1852. Aos dez anos de idade, Jean-Claude Courveille, que nascera não muito distante da antiga cidade catedral de Le Puy, contraiu varíola, que o deixou quase cego (provavelmente em razão da cicatrização da córnea), condição que os médicos declararam incurável. Isso tornava impossível seu desejo de ser sacerdote. Em 1809, foi em peregrinação a Nossa Senhora de Le Puy e umedeceu os olhos com o azeite de uma lâmpada que ardia diante da sua imagem. Imediatamente pôde ver perfeitamente, até mesmo os menores objetos da catedral e, desde então, nunca mais voltou a ter problemas de visão. Em 1810, diante da mesma imagem milagrosa, prometeu a Santíssima Virgem “entregar-se por completo a Ela e fazer tudo o que Ela quisesse, para a glória de nosso Senhor, para sua honra

e pela salvação das almas”. Pensava todo o tempo em ser sacerdote, em ocupar-se com a realização desse tríplice voto, pelo exercício do ministério sacerdotal.

Em 1812, ao renovar a promessa feita a Maria ao pé do mesmo altar, “ouviu, não com os ouvidos corporais, mas com os do coração, interiormente, mas com toda a clareza”, as seguintes palavras:

Eis... o que desejo. Assim como em tudo imitei sempre meu divino Filho e o segui até o Calvário, permanecendo de pé junto à cruz, quando Ele entregava sua vida pela salvação dos homens, agora que estou na glória com Ele, eu o imito no que fez na terra por sua Igreja de que sou protetora, e como exército poderoso para a defesa e a salvação das almas. Assim como nos tempos de uma terrível heresia, que deveria transtornar toda a Igreja, Ele suscitou o seu servo Inácio para formar uma sociedade que levou seu nome, denominando-se Sociedade de Jesus e os que a compunham, Jesuítas, com o objetivo de lutar contra o inferno que se desencadeava contra a Igreja de meu divino Filho, do mesmo modo quero agora – e essa é a vontade de meu adorável Filho – que nestes tempos de impiedade e de incredulidade haja também uma sociedade a mim consagrada, que leve meu nome

e se chame Sociedade de Maria, e os que a integram passem a chamar-se também Maristas, para combater contra o inferno...

Quando Courveille escreveu a Mayet, ele estava recordando uma experiência que ocorrera quarenta anos antes e tinha sido forte e inesquecível. Por outro lado, não devemos estranhar se o que ele escreve para Mayet é, em parte, um texto mais elaborado do que uma simples lembrança. Nesse tempo, suas leituras de Santa Teresa lhe forneceram expressões capazes de descrever a experiência como “algo ouvido interiormente, porém com muita clareza”. Algo semelhante também pode ser verdadeiro pelo conteúdo e pela estrutura do que ele “tinha ouvido”. Em seu relato a Mayet encontramos o paralelismo entre a Companhia de Jesus e a Sociedade de Maria que havia impactado Terraillon. Entretanto, como vai contar esse último, o paralelo era simbolizado pelos dois altares de Jesus e de Maria, lado a lado. O paralelo no que Courveille escreve em 1852 recorda o “piedoso pensamento” de Bochard, com sua referência a Santo Inácio e aos Jesuítas na época da Reforma e sua convicção de que, em uma nova situação, igualmente dramática para a Igreja, Deus suscitaria uma nova Sociedade. Courveille introduziu uma nota adicional. Por detrás do paralelismo entre as duas sociedades encontra-se a “constante imitação” de Maria que segue Jesus em tudo.

Maria estava com Jesus no Calvário, quando Ele dava sua vida pela humanidade; agora que Ela está com Ele na glória, Ela imita tudo o que Ele faz na terra para sua Igreja. Então, bem entendido, assim como há uma Sociedade de Jesus, haveria uma Sociedade de Maria, para a qual a hora providencial eram “esses últimos tempos de impiedade e de incredulidade”.

A escatologia está, pois, presente, embora não de modo destacado, no relato que Courveille faz do que “ouvira” de Maria. A escatologia era também um eixo de uma expressão misteriosa que Jean-Claude Colin repetirá com frequência nos anos seguintes. No final de 1837 – mais de vinte anos depois que Colin havia deixado Santo Irineu – Mayet escreveu as seguintes palavras de Colin: “A Santíssima Virgem disse: ‘Fui o sustentáculo da Igreja nascente, e sê-lo-ei também no final dos tempos’”.

Ele repetiu essas ou outras palavras semelhantes por diversas vezes e uma vez acrescentou: “Estas palavras presidiram o início da Sociedade”. Ele as atribuiu de modo um tanto misterioso “a um sacerdote”, sem dúvida Jean-Claude Courveille (que, naquela época, nunca era citado na Sociedade que havia fundado). Essas palavras, tantas vezes repetidas por Colin, eram a maneira como recordava o que Courveille havia dito ao grupo, em Santo Irineu, sobre a revelação que recebera em Le Puy. Colin havia reduzido a declaração maior e mais difusa

à outra, mais singela, penetrante, quase poética – e fácil de lembrar. Em outras palavras, ele a transformara em um “ditado”, uma unidade da tradição.

Um elemento importante da frase citada por Colin continua, porém, sem explicação: o papel de Maria na Igreja nascente. É muito difícil relacionar isso com o que quer que seja, no relato feito por Courveille da declaração de 1812 – a menos que não suponhamos que Colin tenha entendido que o Calvário, onde Maria esteve presente, fora o lugar do nascimento da Igreja – que a Igreja nasceu no Calvário é, com efeito, uma ideia encontrada em alguns Padres da Igreja, e Colin poderia saber disso. No entanto, ele nunca se referiu explicitamente a essa noção. Por outro lado, o papel de Maria na Igreja nascente, após a Ascensão de Jesus, converteu-se em importante fonte de inspiração para Colin, em sua contemplação da Sociedade de Maria.

## 2. O Ato de Compromisso

O ano escolar de 1815-1816 chegara ao fim. Isso colocava diante de um bom número de aspirantes Maristas não apenas o objetivo da ordenação sacerdotal, mas também a perspectiva de uma dispersão, pois cada um assumiria sua primeira nomeação pastoral. Animaram-se com o pensamento de que voltariam a reunir-se para

estabelecer a Sociedade de Maria, em Le Puy, onde ocorrera a primeira ideia da Sociedade e onde esperavam ser bem recebidos.

O grupo também decidiu elaborar um Ato de Compromisso que todos assinariam, prometendo “continuar essa obra com todas as suas forças”. Mas nem todos os que até aquela hora haviam pertencido ao grupo assinaram o documento. Três abandonaram o projeto.

Lamentavelmente, não há registro dos nomes dos signatários. Faziam parte, com certeza, o próprio Courveille e seus primeiros companheiros, Déclas, Terraillon, Champagnat e Jean-Claude Colin. Este recordará que eram doze os assinantes. Embora o número de doze fosse um tanto fortuito, Colin não deixou de observar que esse era o mesmo número dos Apóstolos: no futuro, frequentemente ele chamaria a atenção sobre as semelhanças entre o início da Sociedade e o da Igreja.

Há quatro exemplares desse Ato. Parecem formulários em branco, sem data e sem assinaturas, que os novos membros, supostamente, deveriam preencher no momento de se unirem ao grupo original. O texto está redigido na primeira pessoa do plural: “Nós”. Seus autores se identificam formalmente como “Nós, abaixo assinados”, o que indicaria que o texto era um documento a ser assinado, e não lido em voz alta (onde se esperaria algo como “Nós, aqui reunidos”). O fato de estar

redigido em latim, junto com a utilização de uma série de expressões formais e enfáticas, denota o desejo dos aspirantes Maristas de lhe conferir o mais elevado grau de solenidade de que eram capazes. Ao mesmo tempo, o documento revela – inclusive por sua insistência que seus autores não agiram “levianamente como crianças”, mas “após termos refletido seriamente, tomado conselho e pesado tudo” – que ainda eram jovens e poderiam ser acusados de precipitação e imprudência. A entrega que faziam de si não era, entretanto, um voto ou, melhor falando, um ato de consagração, mas uma declaração de intenções.

O Ato começa “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, e continua: *Omnia ad majorem Dei gloriam et Mariae Genetricis Domini Jesu honorem* – “Tudo para a maior glória de Deus e para a honra de Maria, Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo”. Os autores declaram sua “sincera intenção e a firme vontade” de se consagrar, “logo que surgir a oportunidade, à instituição da piedosíssima congregação dos Mariístas”.<sup>1</sup>

O uso do termo “congregação” implica o que eles tinham em mente algo mais do que uma simples associação ou sociedade diocesana. Essa intenção foi confirma-

---

<sup>1</sup> O termo “mariístas”, com dois “is”, aparece na versão original latina. As traduções, depois, não conservaram essa grafia. [n.e.]

da por sua promessa de fidelidade a Cristo “no seio de nossa Mãe, a santa Igreja Católica Romana; unindo-nos, com todas as nossas energias, ao chefe santíssimo desta mesma Igreja, o romano pontífice, e também ao nosso reverendíssimo bispo”. Mais do que simples afirmação do primado do papa, esse texto, sem dúvida, implica a intenção de pedir a aprovação de Roma para a “Congregação dos Mariístas”, que deveria, pois, ter grande leque de ação. Sua entrega era total, incluindo mesmo o martírio. Estavam persuadidos de que, “sob o governo pacífico e religioso de nosso rei cristianíssimo”, a Sociedade veria proximamente seu nascimento. No contexto de 1816, o texto expressa a esperança de que a Sociedade seria logo mais estabelecida, sob o reinado recentemente instaurado de Luís XVIII, que recebera o título de “rei cristianíssimo”, título tradicionalmente atribuído aos reis da França. As alusões à paz e à religião marcam forte contraste com os últimos anos de Napoleão, assinalados por guerras constantes e maus tratos ao papa. Havia também uma profecia – muitas vezes mencionada ou lembrada nos anos seguintes – que os animava a esperar que a Sociedade viesse à luz, sob os auspícios do “rei cristianíssimo”. Os jovens não especificaram a que obras apostólicas ou trabalhos se dedicariam, mas prometiam: “nos doar, nós e tudo que temos, para salvarmos as almas por todos os meios, sob o nome augustíssimo da Virgem Maria e sob seus aus-



pícios”. Concluía com uma cláusula, sugerida talvez por seu protetor Cholleton, de que deixavam tudo ao melhor juízo dos superiores.

### 3. Fourvière e além

Em 22 de julho de 1816, segunda-feira, festa de Santa Maria Madalena, na capela de Santo Irineu, Dom Louis-Guillaume Dubourg, bispo de Nova Orleans, nos Estados Unidos, com cartas demissórias emitidas em nome do arcebispo de Lyon, cardeal Fesch, então exilado em Roma (era tio de Napoleão), conferiu a ordenação sacerdotal a cinquenta e dois candidatos, incluindo Marcelino Champagnat, Jean-Claude Colin, Jean-Claude Courveille, Étienne Déclas e Étienne Terrailon. Assim chegavam ao final de muitos anos de estudo e formação. O irmão mais velho de Jean-Claude Colin, Pierre, sacerdote desde 1810, ficara em Santo Irineu durante alguns dias antes da ordenação de seu irmão, mas já havia partido no sábado, 20 de julho, retornando à sua paróquia no domingo.

Em 23 de julho, terça-feira, viu os doze aspirantes Maristas em Fourvière (*Forum Vetus*), o local da cidade romana e pré-romana celta de Lugdunum. Ali havia uma pequena capela, um antigo Santuário de Nossa Senhora, recentemente restaurado como lugar de pe-

reginação. Esse santuário foi cenário de numerosos atos de dedicação por parte de fundadores de institutos religiosos, missionários de partida para outras terras e de muitas outras pessoas, como atestam as placas e ex-votos que cobrem suas paredes. Hoje tem sua visão encoberta pela enorme basílica construída entre 1872 e 1884. No altar da venerada imagem da Virgem, apenas Courveille celebrou sua primeira missa. Os demais recém-ordenados desejavam celebrar sua primeira missa em suas paróquias. Terraillon, que tinha melhor conhecimento das cerimônias, ajudou-os.

Todos receberam a comunhão das mãos de Courveille. Trouxeram consigo o Ato de Compromisso que todos haviam assinado (o documento original, com suas assinaturas, infelizmente desapareceu). Durante a missa, foi colocado sobre o altar sob o corporal, unindo assim seu compromisso com o sacrifício de Cristo. Teriam lido o Ato após a missa? É possível, mas isso não ficou registrado nos relatos da época a respeito desse evento.

Depois, cada um seguiu seu caminho. Marcelino Champagnat foi nomeado vigário em La Valla, onde, em 1817, reuniu os primeiros Irmãos Maristas. Jean-Claude Colin foi nomeado vigário em Cerdon, onde seu irmão Pierre fora nomeado pároco. Pierre aderiu ao Projeto Marista e trouxe a Cerdon Jeanne-Marie Chavoïn e sua companheira Marie Jotillon, que assentaram as bases

da organização das Irmãs Maristas. Logo souberam do Projeto Marista mais amplo e da promessa tão solenemente reafirmada em Fourvière. Em 1824, foi permitido que Étienne Déclas se unisse aos irmãos Colin em Cerdon, formando assim a primeira comunidade de Padres Maristas. De Cerdon, Jean-Claude Colin e Déclas começaram a pregar as missões paroquiais. Nos anos seguintes, formou-se a “ordem terceira”, que deu origem, mais tarde, às Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria.

Foi assim que a Sociedade de Maria com diversos ramos, prevista pelos seminaristas de Santo Irineu, e que fora objeto de seu Ato de Compromisso, formulado em Fourvière, em 23 de julho de 1816, progressivamente tomou forma. Caberia ao tempo dizer qual seria seu futuro.



# Fourvière no caminho do bicentenário:

contemprar a história para inspirar  
nossas vidas

*Ir. Antonio Estaún, FMS\**

- \* Antonio Estaún é espanhol. Iniciou seus estudos Maristas em 1951 e professou no Instituto Marista à perpetuidade em 1963. Fez a licenciatura em Ciências Religiosas e Humanas na Universidade Lateranense, Roma, e o mestrado em Educação, no México, com a tese sobre pedagogia da presença Marista. Foi diretor de Comunicações do Instituto durante seis anos. É coordenador da criação do material do curso Carisma e Princípios Educativos Maristas.

## 1. Para vincular-se com a fé originária

**E**m uma colina, sobre as bases da antiga cidade pagã de Lyon, na França, erguia-se desde o século XII um santuário dedicado a Maria. O lugar corresponde ao antigo Fórum de Trajano – *ForumVetus*, daí o nome de Fourvière. Equivale ao local onde São Potino foi martirizado em 177, preso com um grupo de cristãos – que serão os primeiros mártires de Lyon – sob o reinado de Marco Aurélio. Seu sucessor será Santo Irineu, que recebeu a fé de São Policarpo, o qual, por sua vez, a herdou do apóstolo João. Essa terra há muito vinha regando as sementes da fé com o sangue de valorosos mártires. Não é de se estranhar que esse seja o ponto de encontro escolhido por um grupo de seminaristas de Lyon em 1816, quando foram juntos a Fourvière para consagrar-se à Santíssima Virgem.

## 2. Eles declaram suas intenções e seus propósitos

Os peregrinos são doze apóstolos recém-eleitos para a missão. Assessorados por seu diretor espiritual, vislumbraram amplos horizontes para seu futuro. Seis já eram sacerdotes. Os demais ainda não tinham recebido a or-

denação sacerdotal. Levavam no bolso uma declaração de intenções<sup>1</sup> escrita, para colocar aos pés da estátua milagrosa da Senhora de Fourvière, com o compromisso de se consagrarem à nova Sociedade de Maria.

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Tudo para a maior glória de Deus e em honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nós, abaixo assinados, querendo trabalhar para a maior glória de Deus e de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, declaramos e afirmamos que temos a sincera intenção e a firme vontade de nos consagrar<sup>2</sup>, logo que surgir oportunidade, à fundação da piedosíssima congregação dos Maristas. Eis por que, pelo presente ato, que leva nossa assinatura, nos dedicamos, irrevogavelmente, nós e tudo o que temos, tanto quanto possível, à Sociedade da Bem-aventurada Virgem Maria.”

---

1 “A entrega que faziam de si não era, entretanto, um voto ou, melhor falando, um ato de consagração, mas uma declaração de intenções”. Cf. acima J. Taylor, “Fourvière, 23 de julho de 1816”.

2 A consagração é um documento solene. “O texto está redigido na primeira pessoa do plural: “Nós”. Seus autores se identificam formalmente como “Nós, abaixo assinados”, o que indicaria que o texto era um documento que seria assinado, e não lido em voz alta (em que se esperaria algo como “Nós, aqui reunidos”). O fato de estar redigido em latim, com a utilização de uma série de expressões formais e enfáticas, denota o desejo dos aspirantes Maristas de lhe conferirem o mais elevado grau de solenidade de que eram capazes”. Cf. acima J. Taylor, “Fourvière, 23 de julho de 1816”.

A Mãe de Fourvière acolhe e acompanha o projeto dessa pequena célula de Igreja apostólica que nasce. “Assim como foi o apoio da Igreja nascente, assim sê-lo-á nos últimos tempos. Estas palavras presidiram o começo da Sociedade”<sup>3</sup>. E lhe serviram de fundamento e de alento<sup>4</sup>.

A “sincera intenção e a firme vontade de consagrar-se” representam o compromisso coletivo. A promessa dos peregrinos expressa “com o presente ato e com nossa assinatura” ocorre em 23 de julho de 1816. Essa data histórica foi considerada como o momento fundacional e o primeiro ato oficial, ainda que privado, realizado pelos candidatos à Sociedade de Maria.

### 3. A consagração pessoal de Marcelino

No dia seguinte, antes de deixar Lyon, Champagnat voltou ao santuário de Nossa Senhora de Fourvière para realizar sua consagração pessoal a Maria e confiar-lhe seu ministério. Trata-se de uma iniciativa que nasce de seu coração e marca sua personalidade dentro do grupo. Depois da santa missa, prostrado aos pés da imagem de Maria, pronunciou esta consagração que ele mesmo compusera:

---

<sup>3</sup> OM 582.

<sup>4</sup> OM 674.



Virgem Santíssima, elevo a ti, como tesouro da misericórdia e canal da graça, minhas mãos suplicantes e peço-te encarecidamente que me acolhas sob tua proteção e intercedas por mim ante teu Filho adorável, para que se digne conceder-me as graças necessárias para um digno Ministro do altar. Quero trabalhar sob tua proteção pela salvação das almas. Nada posso, Mãe de misericórdia. Nada posso, mas tu podes tudo com tua intercessão. Virgem Santíssima, ponho em ti minha confiança. Ofereço-te, dou-te e consagro minha pessoa, meus trabalhos e minha vida inteira.

Ao descer de Fourvière, a peregrinação espiritual desse grupo de apóstolos continuou pelos caminhos da vida: “Depois dessa cerimônia, diz padre Courveille, cada um se dirigiu ao lugar que lhe fora indicado pela autoridade eclesiástica”<sup>5</sup>. Mas uns e outros regressarão, em diferentes ocasiões, aos pés da Virgem morena, símbolo de inclusão e de universalidade, para colocar em corações de ouro e de prata os nomes dos missionários que irão levar a fé para terras longínquas. Champagnat colocará em L’Hermitage, dentro de um coração de prata, suspenso ao pescoço da imagem de Maria, os nomes dos Irmãos, antes de enviá-los em missão às paróquias e aos povoados, onde iam para exercer seu ministério de catequistas e professores.

---

5 OM 718 [20].

## 4. Hoje também peregrinamos a Fourvière

Seguindo o exemplo de Champagnat e seus companheiros, continuamos uma tradição centenária ao peregrinarmos hoje, espiritual e materialmente, até Fourvière. Assim fizeram centenas de Maristas. Entre muitos outros, chegou até os pés da Virgem de rosto moreno, em peregrinação espiritual, Irmão Francisco, ao escrever a Circular de 2 de fevereiro de 1885, por ocasião da proclamação do dogma da Imaculada. E a intuição de seu coração interpreta assim a Sociedade de Maria, que já começa a caminhar pela história, através dos Irmãos:

Acaso precisamos buscar em outro lugar motivos de confiança, sinais de poderosa e materna proteção de Maria e sinais sensíveis de sua bondade compassiva e de sua ternura incomparável para conosco, seus filhos? Nossa Sociedade não no-los oferece continuamente, e cada um de nós não pode testemunhar a respeito?

Perguntemos ao piedoso noviço, ao jovem Irmão, a nossos Irmãos carregados de horas de aula, a nossos Irmãos diretores, em qualquer situação em que

se tenham encontrado, perguntemos-lhes quem os sustentou nas dificuldades, nas penas e nos perigos; quem os preservou da desgraça de ofender a Deus, de ceder à tentação e até de perder sua vocação; quem os fez triunfar sobre todos os obstáculos que encontraram; como tiveram êxito em seu emprego, em seu cargo, em seu estabelecimento; quem tornou seus alunos piedosos, obedientes, assíduos e respeitosos. Todos eles responderão:

É a Maria que devemos agradecer; é porque recorremos a Maria, foi porque invocamos a Maria, porque nos consagramos a Maria, porque colocamos sob sua proteção e em suas boas mãos nossas crianças, nossos empregos e nossos estabelecimentos; eis porque todas essas graças nos foram concedidas. Oh! Que grandes coisas, que milagres, que prodígios de bondade, de misericórdia e de amor foram realizados por esta terna Mãe, em favor de seus queridos filhos, que tanto a amam e se esforçam por torná-la amada e invocada, tanto quanto lhes seja possível!<sup>6</sup>

---

6 Ir. Francisco. *Circulaires*, T. 2, p. 214. Circular de 2 de fevereiro de 1885.

(...) Esta terna Mãe, nossa vida e nossa esperança, não se deixará vencer em generosidade e em amor: ela nos dará, com certeza, sinais novos e claros de sua bondade e de sua poderosa intercessão.

O passado é garantia segura para o futuro.

Quem invocou Maria e não foi atendido?  
Quem implorou sua assistência e foi abandonado?  
Jamais se poderá dizer que essa Virgem poderosa e fiel, em quem se igualam o poder e o amor, cuja herança é a ternura e a misericórdia, tenha falhado a alguém que a tivesse invocado, em qualquer situação, circunstância, necessidade espiritual ou corporal em que se encontrasse.<sup>7</sup>

(...) Feliz o Irmãozinho de Maria que instrui bem os seus alunos sobre as grandezas e a bondade dessa terna Mãe; que os acostuma a se consagrarem a ela, cada dia, e a recorrer à sua materna proteção, em todos os males da alma e do corpo! Felizes também as crianças confiadas a um tal Irmão!

Pode-se dizer que seu ensino será para elas fonte de virtudes e de santidade, e o amor a Maria

---

<sup>7</sup> Id., p. 212.

que lhes souber inspirar, afastando-os do vício, vai introduzi-los com certeza no caminho da salvação e, mais cedo ou mais tarde, devolvê-los-á ao bom caminho, se a fraqueza ou a ignorância dele os afastarem, algumas vezes. Que consolação para um Irmão educador! Que motivo de confiança e de estímulo! Como sentir-se-á feliz ao ver todos os seus alunos rezando a Maria, consagrando-se a Ela, amando-a, honrando-a, e formando-se sob seu olhar, para servi-la todos os dias de sua vida!<sup>8</sup>

Guias espirituais e peregrinos, como os Irmãos Juan Maria Merino, Alexandre Balko ou Jean-Gabriel Michel, ajudaram a muitas pessoas que subiram até Fourvière para, nessa basílica, descobrir a história do carisma Marista.

## 5. O laicato Marista em Fourvière

Com Champagnat como pai de uma nova família carismática, subiram também até Fourvière os leigos e as leigas que serão engendrados pelo carisma de Champagnat.

O jovem Champagnat com seus 28 anos recém-completados e sua opção de vida assumida vocacionalmente

---

<sup>8</sup> Id., p. 218.

como sacerdote, ao subir em peregrinação até Fourvière, leva sobre os ombros todos os jovens que vão segui-lo ao largo da história atraídos por seu carisma. Todos quantos foram fecundados pelo carisma de Champagnat estiveram ali com Marcelino. Estas são algumas das consequências históricas de um modesto ato de peregrinação a um santuário. Levamos o futuro no coração. Hoje, os jovens Maristas iluminam o próprio caminho de fé com a luz que resplandece do olhar de Champagnat aos pés de Maria, em Fourvière.

Diante do olhar da Senhora de rosto moreno, estava o jovem Fundador que um dia cortará a rocha; o Fundador que reunirá em torno à mesa uma comunidade de Irmãos; o Fundador que brindará a água da rocha com a qual pode saciar a sede de espiritualidade; o Fundador que engendrará uma família carismática que marcará presença em numerosas dioceses do mundo.

Ali invocou Maria em favor dos Irmãos e Irmãs de que necessitaria para realizar o projeto que depositava em seus pés. Ali, no coração do jovem Marcelino, foi recomendada e consagrada a Maria a família Marista de Champagnat, a nova família carismática com a qual seria consolidada, no futuro, uma Igreja de comunhão. Ali, no coração de Champagnat, estivemos todos e aí queremos novamente estar para tomar consciência de nossas origens.

## 6. Fazer da vida uma consagração

Consagrar-se equivale a se entregar. Fourvière inspira os caminhos de nossa consagração, o futuro novo de nossa existência, o novo início da Fundação Marista. Consagrar-se a Jesus por meio de Maria significa atualizar o compromisso de nosso batismo, de nossa profissão religiosa, para acolher a aurora dos novos tempos. Consagração batismal e consagração religiosa. Fourvière convida a assumir a vida como consagração que remete às origens para sair rumo às novas terras da missão. Os doze seminaristas, ao se consagrarem a Maria, em Fourvière, celebraram novo nascimento que podemos comparar ao nascimento no batismo pela água e pela palavra.

## 7. Descobrir o rosto mariano da Igreja

A promessa de Fourvière é renovação solene e explícita das promessas batismais desse grupo de seminaristas peregrinos. Uma promessa se baseia na fé e na confiança. São as promessas batismais, o compromisso iniludível de todo cristão: “Entrego-me a Jesus Cristo e à sua Igreja para sempre”. Os Maristas expressaram sua entrega a Jesus e à expansão de seu Reino, colocando Maria como mediadora: “A Jesus por meio de Maria”,

diz seu lema. Consagrar a pessoa e as ações a Jesus por meio de Maria é atualizar o compromisso do batismo ou da profissão religiosa para acolher a aurora dos novos tempos.

A entrega à Igreja é um chamado característico desse grupo de seminaristas. “Maria que consolou, protegeu e salvou a Igreja nascente, há de salvá-la nos últimos tempos”. Para tanto, “Maria servir-se-á de nós, seus filhos. Façamo-nos dignos; por meio de nós ela lutará contra o demônio e o mundo, por meio de nós ela vencerá, se nos colocarmos de seu lado pela pureza de nossa vida, a inocência de nosso coração e fazendo-nos merecedores de suas graças e favores”<sup>9</sup>.

Os protagonistas da promessa de Fourvière afirmam: “Entregamo-nos com tudo o que possuímos”. Champagnat o explicita claramente com um matiz mais pessoal: “Ofereço-te, dou-te e consagro minha pessoa, meus trabalhos e minha vida inteira”. A promessa de Fourvière é consequência prática da promessa batismal e com ele se inicia a Sociedade de Maria.

Este momento histórico, em que fazemos memória agradecida da promessa desses jovens seminaristas, é propício para assumir em nosso interior um novo nas-

---

<sup>9</sup> J.-C. Colin, *Au réfectoire pendant la retraite général*. Reminiscências de G.-C. Mayet. OM 3, 271s.



cimento pela água e pela palavra. “Pelo batismo somos regenerados como filhos de Deus, chegamos a ser membros de Cristo, somos incorporados à Igreja e feitos partícipes de sua missão”. Colin, quando já via as primeiras expressões concretas da Sociedade, convidava a seus seguidores com estas palavras: “É necessário tentar fazer o possível agora, no momento presente; mais adiante a obra crescerá. Deus suscitará a alguém; os homens não se tornam maiores de uma só vez; e as obras tão pouco; nos inícios não são grandiosas”<sup>10</sup>. Por isso convida a agir de imediato com a confiança colocada em Deus para dar solidez às decisões. “Se pretendemos agir por nós mesmos, somos imbecis. Nossa maneira de ver não pode produzir a não ser um efeito passageiro, e a Sociedade deve ser uma obra duradoura na Igreja”<sup>11</sup>.

## 8. Um futuro com novidade profética

Os futuros Maristas intuem o futuro de suas vidas como uma novidade profética:

A Sociedade de Maria não deve tomar como modelo nenhum dos grupos que a precederam; nada disso; nosso modelo, nosso único modelo, deve ser e é a Igreja primitiva. E a Santíssima Virgem que fez então

---

<sup>10</sup> Colin. *Au P. Alphonse Cozon*. Archives Prères Maristes (APM) 249, Agenda Cozon.

<sup>11</sup> Cozon. *Postulatum au chapitre général de 1880-1884*. APM 322.581 e 811.3 (A5).

grandes maravilhas fá-los-á também agora; no fim dos tempos, ainda maiores, pois o gênero humano estará mais enfermo<sup>12</sup>.

E consolidam sua identidade em torno de um nome carismático: “Sintamo-nos felizes de ser membros de sua Sociedade e de levar seu nome; as comunidades que nascem têm inveja desse belo nome”<sup>13</sup>. As Constituições dos Irmãos recolherão esta inspiração: Champagnat “deu-nos o nome de Maria para que vivêssemos de seu espírito” (C 4).

## 9. Maria na Igreja nascente

O papel de Maria na Igreja nascente, depois da Ascensão de Cristo, converteu-se em potente fonte de inspiração para Colín, em sua reflexão sobre as origens da Sociedade de Maria: “Os começos da Sociedade são como os da Igreja”<sup>14</sup>. Num ambiente eclesial em que a Igreja pós-Revolução Francesa se concebe como cidade fortificada e os crentes como um exército que haverá de travar a última batalha contra o mal e de pôr a cabeça da serpente sob o calcanhar, os seminaristas que peregrin-

---

<sup>12</sup> OM, 631.

<sup>13</sup> OM, 674.

<sup>14</sup> Colín. *Entretien à table*. OM 425, [2].

nam a Fourvière intuem um novo modo de ser Igreja, na qual veem a si mesmos com identidade original: assim como os seguidores de Ignácio de Loyola intuem uma “Sociedade de Jesus” a serviço de nova Igreja, chamando-se “jesuítas”, os membros da nova “Sociedade de Maria” se chamarão “Maristas”.

“A Sociedade não toma como modelo nenhuma outra, já existente”<sup>15</sup>. “Não temos outro modelo senão a Igreja nascente”<sup>16</sup>. “A Sociedade começou como a Igreja; é preciso que sejamos como os apóstolos e como os numerosos que a eles aderiram: *Cor unum et anima una*. Amavam-se como irmãos”<sup>17</sup>.

## 10. Abertos à universalidade

Descobrimos em Colin intuições similares às de Marcelino, que sonhava com todas as dioceses do mundo. Uma perspectiva muito atual, quando se fala de internacionalidade: “Os Maristas hão de conquistar todo o mundo; se espalharão por todas as partes; nunca estarão tão unidos como quando estiverem dispersos por

---

<sup>15</sup> Id.

<sup>16</sup> Colin. *Remarques au P. Mayet*. Mayet 1, 286.

<sup>17</sup> Id.

vontade de Deus e para a salvação das almas”<sup>18</sup>. “Queremos invadi-lo todo”<sup>19</sup>, disse Colin. “Porque Maria quer cobrir toda a terra sob seu manto”<sup>20</sup>. “Nosso fim é conseguir que o universo seja Marista”<sup>21</sup>. E conversando com o cardeal Castracane mantém este diálogo: “Então, todo o mundo será Marista? Sim, Eminência, inclusive o Papa; a ele queremos como chefe”<sup>22</sup>. “Ninguém poderá resistir à Sociedade, e seus membros terão tamanha coragem que ninguém poderá detê-los”<sup>23</sup>.

## 1.1. Com Maria à frente, buscamos Jesus Cristo

Colin recordará o papel central de Maria na Sociedade:

Recordemos, reverendos padres, que a temos reconhecido tal como é, na verdade, como nossa única e verdadeira Fundadora, e que a temos recolhido como nossa primeira e perpétua Superiora.

---

<sup>18</sup> OM 2, 124, n. 3.

<sup>19</sup> Colin, OM 427.

<sup>20</sup> Colin. Mayet 5, 668s.

<sup>21</sup> Colin, *Remarques au P. Mayet*. Mayet 1, 275s.

<sup>22</sup> Colin, OM 427, [2].

<sup>23</sup> Colin, OM 452, [1].

(...) Ela está à frente da barca que conduz todos os seus filhos ao porto. Como poderíamos perecer sob a bandeira de uma tal General? Não! Tenhamos fé. (...) Caminhemos, vamos à frente do que creem.<sup>24</sup>

A Sociedade de Maria tem consciência de que encarna uma Igreja militante:

Sempre pensei – disse Colin – que a Sociedade está destinada a combater até o fim dos tempos. Maria foi o apoio da Igreja nascente; e sê-lo-á também no final, e sê-lo-á através de vós. Assim, pois, é necessário encher-se de seu espírito e esse espírito é preciso obtê-lo de seu coração. Os apóstolos nada faziam sem consultá-la, pois, Ela tinha a lei nova escrita no coração e, desde antes da Encarnação, tinha sido instruída pelo Espírito Santo<sup>25</sup>.

“Maria vai servir-se de nós, seus filhos; sejamos dignos; servindo-se de nós, Ela lutará contra o demônio e o mundo; e, através de nós, Ela vencerá”<sup>26</sup>. Hoje o coração de Maria está aberto para acolher os Maristas novos em missão.

---

<sup>24</sup> Colin. *Au chapitre général, relation Ducournau*. APM 322.459.

<sup>25</sup> OM 897, 4.

<sup>26</sup> Colin ES 160, 6s.

## 1.2. Turista e peregrino

Podemos recordar Fourvière tal como o narravam os Irmãos Merino, Balko ou Michel, quando acompanhavam os peregrinos Maristas. Um pouco como turistas ao estilo da época, interessados pela cultura, mas, sobretudo, como Maristas de Champagnat, apreciando tudo o que a história deixou nesse lugar emblemático.

Assim soavam as palavras desses guias para os turistas: Fourvière, como podem ver, é uma colina situada na parte oeste da cidade de Lyon, de onde se domina toda a cidade. É o lugar mais antigo de Lyon, em que houve um assentamento humano. Nessa colina estabeleceu-se a cidade romana de Lugdunum. A basílica atual foi construída sobre o antigo fórum romano de Trajano ou ForumVetus, que deu o nome ao distrito de “four vière”, ou “fórum velho”, de onde procede o nome atual – Fourvière. Na ladeira, junto ao rio Saône, surgiu o bairro do “Vieux Lyon”, como vocês podem contemplar a seus pés.

Se olharem para esta direção, poderão contemplar panoramas impressionantes de toda a cidade de Lyon e de seus arredores, e conseguirão ver um pouco do Montblanc. De fato, Notre-Dame de Fourvière se converteu

num dos símbolos de Lyon, porque pode ser vista, praticamente, de qualquer ponto da cidade. L'Hermitage fica nesta direção (e a mão indicava com precisão o ponto cardeal).

Chamada de “montanha mística” por Jules Michelet ou identificada também como “*la colline qui prie*” (a colina que reza), é conhecida pelo seu patrimônio arqueológico e religioso. Vamos descobrir o que ambos encerram, para emoldurar as origens da história Marista.

### 1.3. Fourvière na história

Passando às referências significativas para os peregrinos, podíamos ouvi-los a dizer: A colina de Fourvière – a colina que reza – é um lugar alto da vida espiritual e cultural de Lyon. Em Fourvière – onde foi martirizado São Potino – os primeiros cristãos expressaram sua fé, colocando-se desde o início sob a proteção de Maria.

Na Idade Média (1192) foi edificada uma igreja sobre a colina, em honra da Virgem Maria e de Santo Tomás de Canterbury, recentemente canonizado. Convertida em ruínas durante as Guerras Religiosas, a capela foi reconstruída em 1586. Entre a cidade e a colina se consolidou um laço particular, tecido por votos a Maria e orações pedindo proteção.

Em 1638, uma grave epidemia de escorbuto atingiu as crianças da cidade e, face da impotência para deter a enfermidade, os cidadãos decidiram subir em procissão até Fourvière. A enfermidade regrediu, progressivamente, até desaparecer. E desde então essa doença não foi mais conhecida em Lyon.

Em 1643, a peste assola a Europa. Os vereadores municipais prometem subir a Fourvière para oferecer anualmente uma esmola e um círio se Lyon fosse libertada da peste. A tradição ainda perdura; a cada 8 de setembro se repete o gesto.

Em 1832, a cólera (cólera-morbo) assola os departamentos vizinhos e ameaça a cidade. O arcebispo pede orações públicas. Tendo novamente escapado da praga, os lioneses agradecem a Maria com a pintura de uma imensa tela (O retábulo de Orsel), hoje visível no fundo da basílica.

Desde 1852, o campanário da capela da Virgem está coroado por uma estátua de bronze dourado de 5,60 metros de altura, para agradecer a proteção maternal de Maria. A festa de inauguração da estátua, transferida de 8 de setembro a 8 de dezembro devido a perigosas inundações, foi afetada também pelo contratempo de uma violenta tempestade. A pólvora dos fogos de artifício previstos se molhou e a festa teve



que ser anulada. Mas, tendo melhorado o tempo, os lioneses iluminaram, espontaneamente, a cidade colocando faroizinhos nos vãos das janelas de suas casas. Esta festa improvisada adquiriu um caráter particular dois anos mais tarde, quando foi proclamado o dogma da Imaculada Conceição.

Ainda hoje, em 8 de dezembro, realiza-se grande procissão de Saint Jean até Fourvière ao cair da tarde, e os católicos iluminam as janelas de suas casas com luzinhas. Há vários anos a cidade organiza, nesse período, a “festa as luzes”, reunindo em Lyon 4 milhões de pessoas durante quatro dias.

Em 1870, os prussianos ameaçavam invadir a cidade. Os lioneses se comprometeram a construir uma grande igreja dedicada a Maria se a guerra não afetasse a cidade. Foi construída com fundos privados, entre 1872 e 1896, como sinal do triunfo dos valores cristãos sobre os valores socialistas da comuna de Lyon de 1870. Em contrapartida, foi construída a “Tour métallique”, torre das telecomunicações, réplica da Torre Eiffel, que é iluminada cada noite. Em 1872 foram iniciados os trabalhos da nova basílica, sendo seu interior concluído apenas em 1964.

Entre seus atrativos estão os mosaicos, os belos vitrais e a cripta de São José. Para os Maristas, é de sumo interesse o friso, na parte superior da entrada, com um relevo de Champagnat e a antiga igreja em que ele (Champagnat) fez sua consagração com os companheiros e celebrou missa no dia seguinte.

## 14. Fourvière hoje

Mais de dois milhões de visitantes “peregrinam” a cada ano a Fourvière, um dos santuários e lugares turísticos mais visitados da França. A basílica faz parte do patrimônio mundial da Unesco e foi classificada como Monumento Histórico em 1998, com todo o contorno histórico da cidade de Lyon. Emblema de uma laicidade apaziguada, na encruzilhada da fé, da arte e do turismo, Fourvière fomenta o diálogo com todos. “Fourvière está sempre em movimento. Uma basílica é, sem dúvida, uma história sagrada: tantas graças recebidas, tantos acontecimentos celebrados. Mas também uma história arquitetônica, como todo edifício excepcional que permite a cada qual partir da cidade, dizendo: “Fourvière é extraordinário!”<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Philippe Desmarescaux, presidente da Fundação Fourvière.





# Reflexões em torno da promessa

François Drouilly, SM\*



**E**m 23 de julho de 1816, doze jovens apenas saídos do Seminário, alguns deles sacerdotes ordenados no dia anterior, decidem subir à capela de Fourvière. Todos tinham sido testemunhas e, às vezes vítimas, da devastação revolucionária em seu país e na Igreja. Não conseguem contentar-se com a simples constatação, menos ainda com uma avaliação das desgraças do tempo, e abater-se no desânimo. Sobrariam, porém, razões para isso!

Todavia, Deus está ali, tão presente hoje como antes e depois da Revolução. E não podem nem querer afastar-se de um lugar em que Deus está presente. Tomam sua decisão. É preciso arregaçar as mangas, meter-se no trabalho, inventar, fazer algo diferente, avançar. Tomam o propósito de se dedicarem “irrevogavelmente, com seriedade, como homens maduros”, dispostos a tudo, incluindo “os sofrimentos”, para “salvar almas”, em nome de Maria.

Não há garantia de êxito. Trata-se de iniciar. É preciso ir onde Deus se encontra. Atrevem-se a viver essa aventura, com Maria. Comovem-nos o texto e a atitude. Ainda mais quando se conhecem as dificuldades de todo tipo que deveriam enfrentar, mais adiante, para “cumprir sua promessa”.

O que faremos com esse aniversário? Uma comemoração dos fundadores? Uma evocação histórica? Uma “edificante página” da epopeia marista? Hoje, a promessa deles compromete a nós, homens e mulheres, religiosos e Leigos que nos consideramos e desejamos ser Maristas? O compromisso que assumiram há dois séculos pode ainda ser o nosso? Se ainda não o é, como poderá ser? Atualmente, o que nos diz esse compromisso?

## Primeira sensação

A primeira sensação é a da distância entre o acontecimento e nós mesmos. Muitas coisas mudaram. Já faz muito tempo que a Sociedade de Maria não conta mais com “o governo do cristianíssimo Rei, amigo da paz e da religião”, para realizar sua missão! Inclusive, a gente pode perguntar-se sobre a conveniência dessa expressão. Sem dúvida, o acontecimento é comovedor e diz respeito à recordação de um evento familiar. Mas é chegado o momento de fechar o álbum de fotos amarelcidas e voltar às coisas sérias, aos “problemas” de nosso tempo. Olhamos ao redor de nós e vemos que a Igreja, no mundo do século XXI, está longe da Igreja e do mundo de nossos antepassados.

E, no entanto...

## “Comprometemo-nos solenemente”

Que audácia! Ou que ingenuidade? “Salvar almas... por todos os meios?” Mas como? O compromisso é simples: “dedicamo-nos irrevogavelmente, nós e tudo o que temos, tanto quanto possível”.

Somos, hoje, capazes de fazer uma promessa?! E eles, os pioneiros, eram capazes?!

Para eles como para nós, a única garantia da promessa é a entrega que fazem de si mesmos, sem a certeza do que chegariam a ser e do que seriam capazes. É uma afirmação muito forte para o presente; uma incerteza igualmente forte para o futuro: apenas, não será como o presente.

Desde o princípio, mostram-nos um caminho aberto ao que Deus quiser, mas sem saber o que virá, sem outra garantia além da fidelidade pessoal e coletiva. E uma confiança sem limites. Não podem garantir nada. Ignoram como será o amanhã. Não sabem sequer o que será deles, amanhã. O que fazem em Fourvière é dar um salto no desconhecido, um ato de fé: desconhecem o que vão prometer; desconhecem o que vão se tornar. Prometem o que não podem. Estão longe de um “projeto profissional”. É antes uma aposta no desconhecido... e convidam-nos a dar o mesmo passo, igualmente no escuro.



## “Como será isso?”

Como fazer esse tipo de aposta? Como evitar a irresponsabilidade? Como fazer esse salto para um futuro desconhecido, e sem paraquedas!?

O que torna fortes esses pioneiros, o que justifica o dom que fazem de si mesmos é o amor e a confiança. O amor a Deus, à vida... Há muita semelhança entre este compromisso e aquele que um homem e uma mulher assumem juntos, sem saber o que sucederá. Trata-se de uma mesma “loucura”: nela, entregamo-nos, oferecemos o que ainda não temos e o que ainda não somos, para o presente e o futuro, sem garantia de poder retroceder; apenas confiança. “A glória de Deus e a honra de Maria” parecem ser garantias suficientes para esses pioneiros arriscarem suas vidas. Afinal, eles conhecem como nós estas palavras de Jesus: “Vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo, 10,10). Eles amam e acreditam na vida: isso lhes basta para se atreverem à aventura.

Talvez o que torna possível a realização da promessa seja a certeza da forte relação e confiança em Deus. Tudo podem naquele que os fortalece!

## Nós, nos, nosso

Essa sequência de pronomes no plural chama nossa atenção! Os termos da promessa se apoiam na sólida base do grupo. Não há diferença entre eles: um grupo que fala uníssono, onde cada um encontra a fonte e a confiança em sua palavra pessoal. O filósofo e teólogo Paul Tillich (1886-1965), na obra *A coragem de ser*, expressou isso de forma muito bonita: “É somente no contínuo encontro com outras pessoas que a pessoa se converte e continua sendo uma pessoa. O lugar desse acontecimento é a comunidade” (p. 119-120).<sup>1</sup>

O que conjuntamente se promete deve-se cumprir. Desde o começo, sabemos das dificuldades em suas reuniões, da dispersão geográfica, do abandono de dois terços dos signatários, das relações difíceis nas dioceses e nas comunidades, das divergências de opinião sobre o projeto e dos esforços que fizeram para se encontrar, sem mencionar as relações, às vezes difíceis, entre as pessoas.

Já sabemos por experiência o quanto a comunhão, o estar juntos, é importante para cumprimento da promessa. Ela nos une além da distância, dos compromissos, além dos membros da “família”. Une-nos aos cole-

---

<sup>1</sup> P. Tillich, *A coragem de ser*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 71.

gas do passado: lembramos aquelas e aqueles que nos disseram, com frequência sem palavras, apenas com sua vida, o que era uma vida marista, e nos impulsionam a vivê-la – sabemos quanto lhes devemos. Ela nos une aos mais jovens do que nós. “A verdade religiosa não se capitaliza. Apenas se pode partilhar: e se compartilha”, escreveu Michel de Certeau, em *La debilidad de creer* [A debilidade de crer].<sup>2</sup> Tem-se a impressão de que os primeiros religiosos Maristas viveram isso ao interpretar a promessa, colocando sob cada palavra alguns sucessos, algumas maneiras de viver que lhes pareciam de acordo com seu compromisso. Descobriram, aprofundaram, inventaram, formularam uma maneira de viver e de se comprometer. Uniram-se através de sua atitude e de sua promessa. Não o fizeram em nosso lugar. Propuseram-no a outros, livremente. Parece que eram suficientemente fortes para convencer a mais de um a se unir a eles. Cabe a nós continuar a viagem. Evidentemente, medimos, ao longo dos dias, a importância da confiança mútua, em nossas comunidades, para permanecermos juntos, para avançarmos na vida marista, para realizarmos nossa missão, para inventarmos, hoje, modalidades que nos animem na fé.

---

<sup>2</sup> M. Certeau, *La debilidad del creer*. Buenos Aires: Katz, 2006, p. 10.

## “E a Virgem se chamava Maria”

Os que assinam o compromisso nada regateiam ao usar o nome e a honra de Maria, a Mãe de Jesus, o nome muito augusto da Virgem Maria e, finalmente, o nome MARIÍSTAS com insistência incoerente sobre a ortografia: “é preciso pôr os pontos nos is”, como dizemos em português, quando se trata de insistir e de não duvidar da pertença!

É fácil atribuir esse fervor explosivo ao “ambiente da época”, e ao mesmo tempo relativizá-la. Há na França, nessa época, muitas congregações masculinas e femininas com o nome de Maria. Era esse nome, então, uma “marca” religiosa da época, a ponto de fazer desse século “o século de Maria”? No entanto, é assim tão simples?

Essa referência persistente vem muito estreitamente vinculada ao projeto dos fundadores. Não se trata aqui de mencionar as obras, as atividades desse futuro grupo. Ainda não se fala de educação, de catecismo ou de missão até as fronteiras do mundo, ou do cuidado dos enfermos. Não! Por ora, não é apenas questão de uma família que leva o nome de Maria e que vai trabalhar para sua honra, sob sua proteção.

O texto, que pode parecer algo tosco, um pouco pesado, nos indica simplesmente o exclusivo caminho a seguir: o de Maria. O único patrocínio a invocar: o de Maria. A única maneira de agir: a de Maria. Desde 1816, muitas coisas foram escritas a esse respeito.

Esse esforço de identificação com Maria não é o de um momento particular, de um período de educação inicial e permanente, de um retiro anual, e muito menos uma declaração inicial. É esforço que se inscreve na vida cotidiana, na comunidade, nos compromissos pastorais e profissionais de cada um. Uma carta do superior geral dos Padres Maristas, em 2010, recordou-nos que devemos “abraçar plenamente nossa identidade marista”.<sup>3</sup>

Os companheiros de Fourvière optaram por tomar o nome de Maria e no-lo transmitir: Cabe a nós ver como entendemos essa eleição e como a constituímos nossa prioridade, e como a implementamos. O nome que se adota diz algo de essencial sobre a pessoa e o grupo a que se refere. Percebemos bem o que está por trás do nome do “*Poverello* de Assis”: um religioso franciscano disse algo sobre a pobreza, a proximidade e o respeito pela natureza. Assim também se espera verdadeira caridade dos discípulos de São Vicente de Paulo.

---

<sup>3</sup> Veja-se também a Circular do Ir. Emili Turú, superior geral dos Irmãos Maristas, *Deu-nos o nome de Maria*, de 2012 (<http://www.champagnat.org/510.php?a=5>). [n.e.]

Esses nomes nos dispensam de pedir explicações sobre os compromissos dos que os levam. Usar o nome de Maria é tanto referência a uma origem como a uma responsabilidade pessoal e coletiva de justificar a decisão por esta nossa forma de vida.

## E agora?

O que fazemos com essa evocação?

Admirar a generosidade desses jovens fundadores?

Cair no pessimismo. Onde está o entusiasmo, hoje?

O que resta desse bonito projeto?

Olhar para trás é correr o risco de apegar-se a um passado que desapareceu.

Fazer comparações sombrias? Olhem o que fizeram, que audácia, que êxitos, que aventuras! Vejam como atraíram os jovens, em grande número, as obras, todas as missões que fundaram... e nós?! Onde estamos?! Fechamentos... envelhecimento... tristeza... somos anões ao lado de gigantes! Desconfiemos dessas visões em branco e preto.

Não tomemos os primeiros Maristas pelo que não são: super-homens. Foram pessoas simples e sua espontaneidade fortalece ainda mais as palavras que nos deixaram. Abandonemos essa comparação que sempre põe o presente em inferioridade, comparado com o tempo das origens que imaginamos mais perfeito, mais bem-sucedido do que o nosso. Em suma, seríamos apenas rele cópias desses verdadeiros Maristas de 1816.

Fiquemos com o que nos legaram de mais precioso: o começo. A sua herança, a sua promessa, a sua confiança e determinação em cumprir o projeto de Deus: tudo isso nos anima. Não podemos ignorar como se não houvesse passado nada. Jamais se pode pôr fim à origem porque é o que nos constitui. Antes, agarremo-nos nesta palavra: o Começo! Tudo o mais é passado, passado venerável, mas finalmente passado. Honrar nossos primeiros irmãos é atrever-nos também nós, depois deles, a começar a Sociedade de Maria de hoje. Sabendo donde viemos, poderemos melhor orientar-nos e decidir aonde queremos ir. Esses primeiros Maristas não nos traçaram o caminho, mas antecipadamente nos convidam a reinventá-lo, a continuar a história começada.

Devemos começar de novo. Não apenas repetir, não apenas atualizar ou adaptar ao sabor dos tempos. Há um frescor no início, mas o que vemos mais ao nosso redor é o desgaste, a incerteza, o cansaço.

Não se trata de um início ou de um reinício e, sim, de um novo começo. Nunca acabamos de começar como nunca acabamos de aspirar. Todo o mundo sabe: “te amo” rima com “sempre”! E “sempre”, com “cada dia”, na linguagem do amor. Nossos antepassados nos deram – não digamos, impuseram – um programa. Deram-nos um sentido. Não basta pendurar a Promessa de Fourvière na parede de nosso quarto ou da sala da comunidade. Começar não é fazer de conta; é fazer como Abraão, de quem um autor cristão disse que partiu sem saber aonde ia, e é por isso que seguia no rumo certo!

A promessa de Fourvière, de algum modo, está diante de nós; não atrás. Temos que fazê-la com nossas palavras. Cabe-nos descobrir a verdade, a fecundidade que possui para nós, hoje.

Não sabemos o que nos reserva o futuro: os primeiros tampouco o sabiam.

Não sabemos o que será cada um de nós, nos anos vindouros. Tampouco sabiam-no os primeiros. O que sabemos, o que cremos é que precisamos – como eles – deixar-nos configurar por Maria. Devemos ir aos outros amando-os, amando a Vida. Nosso compromisso, juntos, em corpo e ama, será o melhor modo de honrar a promessa de Fourvière.

Não se trata de chegar, mas de partir!



*Em nome do Pai e  
do Filho e do Espírito Santo.  
Tudo para a maior glória de Deus,  
e para a honra de Maria, Mãe de  
nosso Senhor Jesus Cristo!*

Esta obra foi composta com as fontes Minister, DIN Next e Prumo, em julho de 2015, ano Fourvière.

**E**m 23 de julho de 1816, doze jovens saídos da formação filosófico-teológica do Seminário Santo Irineu se reuniram, no Santuário de Fourvière, em Lyon, para se consagrar à Sociedade da Bem-aventurada Virgem Maria, que se comprometeram a fundar. Entre eles, estavam Jean-Claude Colin e Marcelino Champagnat.

Esta obra reúne três artigos, escritos por dois padres Maristas e por um Irmão Marista que procuram aprofundar os elementos históricos e espirituais que se depreendem da Promessa de Fourvière e as perspectivas de presente e futuro que a acompanham, gerando novas iniciativas e atraindo pessoas de todas as partes.



2015|2016  
Fourvière